

**UM OUTRO ZUMBI DE PALMARES:
O QUILOMBISMO COMO VALOR SIMBÓLICO
EM POEMAS AFRO-BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS**

*Denise Almeida Silva**
*Tani Gobbi dos Reis***

RESUMO: Examina-se como a figura de Zumbi e do quilombo de Palmares aparecem, em poemas afro-brasileiros contemporâneos, em suas acepções denotativas e, sobretudo, conotativas, associados à reivindicação de liberdade, igualdade e dignidade a todas as minorias. Para tanto, resenha-se a evolução do conceito de quilombo no Brasil e, em especial, sua retomada com valor simbólico, segundo a noção de quilombismo como “ideia-força” proposta por Abdias Nascimento. Avalia-se como o termo assume significados diferentes a partir do lugar ocupado por aquele que o emprega, salientando-se a diferença conceitual presente em seus usos a partir da ótica do colonizador branco e da do negro. Na esteira dessas últimas reflexões, tomando o quilombismo em seu valor ideológico mobilizador, analisam-se poemas de Henrique Cunha, Carlos Assumpção e Eduardo de Oliveira. Embasa o ensaio o pensamento de historiadores e teóricos que têm pesquisado o fenômeno quilombola, especialmente Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; Palmares; Poemas; Quilombismo; Zumbi.

* Doutora em Letras. Docente do Departamento de LLA da URI, Campus Frederico Westphalen, atuando no Mestrado e Graduação em Letras.

** Mestranda em Letras, no PPGL da URI, Campus Frederico Westphalen. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo, pela UFSM/FW.

Este ensaio propõe-se a examinar como as figuras históricas de Zumbi e dos quilombos, em especial o palmarino, reaparecem, em seu valor simbólico, em poemas da literatura brasileira contemporânea. Para tanto, inicialmente, faz-se necessário configurar o conceito de quilombo em suas mutantes significações, e sua retomada em seu valor simbólico e mobilizador.

O quilombo é um conceito oriundo dentre os africanos bantos, habitantes da África Centro Ocidental e Leste. Ainda que, nesse contexto histórico, o termo designasse formação social dos Imbangalas, os quais acolhiam, em sua sociedade guerreira, jovens de várias linhagens, incorporando-os através do ritual da circuncisão, abrangia ainda os significados de território ou campo de guerra; local, casa sagrada, onde se processava o ritual de iniciação e acampamento de escravos fugitivos (NASCIMENTO, 2006, p. 59-119). A pesquisadora moçambicana Aida Freudenthal que, após registrar que os Imbangala se sedentarizaram ao longo do século XVIII, assinala outras denominações para esses agrupamentos (mutolo, couto ou valhacouto), apresenta, também, a acepção de quilombo como “grupo de escravos fugidos e local onde eles se instalavam” (FREUDENTHAL, 1997, p. 110 apud RATTS, 2006, p. 58), o que coincide com o conceito brasileiro de quilombo mais difundido, ou seja, estabelecimento territorial no qual fugitivos buscam abrigo.

Também conhecido como mocambo (GOMES, 2015), o quilombo era, em seu sentido denotativo, um lugar, normalmente disfarçado ou oculto em meio ao mato, habitado por negros que haviam escapado do cativeiro. Como definido pelas autoridades portuguesas no século XIX, quilombo é “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (NASCIMENTO, 2006, p. 119). A multiplicação dos quilombos transformou o evento de um fato casual em uma organização planejada para a sobrevivência dos escravos.

Nessa conjuntura, o quilombo

[...] procede como frinças no sistema, muitas vezes convivendo pacificamente, que ao ser vista globalmente, ou seja, em todo o espaço territorial e em todo o tempo histórico, traduzia uma instabilidade inerente ao sistema escravagista. A oscilação das atividades econômicas, ora numa região, ora noutra, provocava muitas vezes o afrouxamento dos laços entre os escravos e senhores. A fuga passa a ser decorrente dessa fragilidade colonial e integrante da ordem do quilombo. O saque, as razias, enfim, o banditismo social são a tônica que define a sobrevivência desses aglomerados. (NASCIMENTO, 2006, p. 122).

Configurados como um “perigo” à estabilidade e à integridade do Império, os quilombolas eram destinados à degola. Contudo, como Abdias Nascimento acentua (2009, p. 202), com exceção dos “[...] índios, o africano escravizado foi o primeiro e único trabalhador, durante três séculos e meio, a erguer as estruturas deste país chamado Brasil”, sem que tenham sido tratados como iguais. Assim, não admira que os escravos, que não aceitavam as condições do sistema escravagista a que eram submetidos, fugissem das fazendas, refugiando-se nas florestas, o que dificultava sua captura.

Contudo, vale lembrar, como o faz Beatriz Nascimento, que o conceito de quilombo, na visão dos negros, assume outro caráter. Ao invés de escravos fugidos, a visão é de seres que buscam liberdade e dignidade, homens e mulheres que repudiavam todas as violências sofridas, corporais, culturais e morais (NASCIMENTO, 2006). Também Abdias Nascimento (1980) afirma: “Quilombo não significa escravo fugitivo. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. [...]” (NASCIMENTO, 1980, p. 263).

No ambiente quilombola, os negros recuperam sua cultura e identidade pessoal e histórica, que haviam sido fraturadas, rompidas, desvinculadas de seus ancestrais pela interferência do tráfico negreiro. Para os descendentes africanos e afro-brasileiros, o quilombo atesta sua habilidade de resistência e organização frente ao sistema escravagista. Isso equivale, para Abdias Nascimento (1980), a uma libertação,

em que passavam a usufruir de direitos e não de obrigações sociais, deixando de sustentar a burguesia para sustentar a si e à própria comunidade quilombola.

No quilombo, todos os elementos e fatores tinham propriedade e uso coletivo. A vida era mantida conforme os costumes africanos, de acordo com o sistema produtivo comunitário, visando igualdade: plantando e produzindo em comunidade, todos eram beneficiados. Como Abdias Nascimento informa,

[...] a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sociopolítico em termos de igualitarismo econômico. [...] Como sistema econômico, o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema, as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. [...] Não há propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza – todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa, no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana de que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. (NASCIMENTO, A., 2009, p. 202).

Examinando os motivos que levaram à marginalização e à inferiorização do negro, Abdias Nascimento (1980, p. 261) argumenta que ocorreu, no Brasil, a cristalização político-social dos interesses exclusivos de um estrato hierárquico, no qual os africanos e seus descendentes tiveram direitos usurpados em todos os sentidos (empregatício, direitos civis etc.). Esse cenário se criou devido às falsas teorias opressoras assumidas com base na supremacia racial. Nas palavras de Nascimento (1980, p. 261), no Brasil, a *intelligentisia* responsável pela cobertura ideológica da opressão através da teorização “científica” da inferioridade biossocial do negro e da defesa a ideias de branqueamento, aliou-se a

[...] mentores europeus e norte-americanos, fabricou uma ‘ciência’ histórica ou humana que ajudou a desumanização dos africanos e seus descendentes para servir os interesses dos opres-

sores eurocentristas. Uma ciência histórica que não serve à história do povo de que trata negando-se a si mesma.

O autor relembra os tantos anos em que os africanos e seus descendentes sofreram com a submissão imposta pelo sistema escravagista, e, depois, pelo racismo, que se mantém até a atualidade. Daí por que Abdias Nascimento incita ao fim do colonialismo mental e à libertação impulsionada e inspirada pelo quilombismo (NASCIMENTO, 1980).

Ao final do século XIX, quando o ideal de liberdade abolicionista se difunde e a retórica abolicionista alimenta o sonho de liberdade dos ex-escravos, o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. Essa transformação de instituição para símbolo de resistência redefine seu significado.

Como Beatriz Nascimento explica:

Foi a retórica do quilombo, a análise deste como sistema alternativo, que serviu de símbolo principal para a trajetória deste movimento. Chamamos isto de correção da nacionalidade. A ausência de cidadania plena, de canais reivindicatórios eficazes, a fragilidade de uma consciência brasileira do povo, implicou numa rejeição do que era considerado nacional e dirigiu este movimento para a identificação da historicidade heroica do passado. (NASCIMENTO, 2006, p. 123-124).

Essa busca por afirmação e recuperação da identidade cultural provocou efeito nos produtores intelectuais afro-brasileiros, os quais, debruçando-se sobre questões positivas acerca da história do negro, reescrevem a história dos ex-escravos pela ótica do quilombismo. Então, contada a partir de um outro olhar, aparece a heroicidade intimamente associada à história dos quilombos, muitas vezes, tendo como personagem central a figura do Zumbi dos Palmares

A par da revisão histórica e revisão de conceitos estereotipados, a atribuição de valor ideológico e simbólico ao quilombo impulsionou a organização do movimento negro no Brasil, e algumas conquistas históricas. Em 1974, o grupo Palmares, do Rio Grande do Sul, teve a iniciativa de sugerir, através de proposta do poeta gaú-

cho Oliveira Silveira, que a data de 20 de novembro passasse a ser comemorada como data nacional, contestando a data 13 de maio. Esta revela, na visão dos negros, uma falsa abolição, após a qual persistiu, de fato, se não mais de direito, a escravidão negra; aquela lembra não somente o assassinato de Zumbi e a queda do Quilombo dos Palmares, mas também a resistência dos antepassados, a qual traz uma lembrança dignificante em todos os sentidos (NASCIMENTO, 2006).

Essa prática, de cunho liberal emancipatório, tende a retificar as distorções perpetuadas pelos poderes dominantes. Assim:

[...] a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade. (NASCIMENTO, 1989 apud RATTS, 2006, p. 53).

No entender da pesquisadora, “[...] O fascínio de heroicidade de um povo regularmente apresentado como dócil e subserviente reforça o caráter hodierno da comunidade que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdades sociais a que está submetida” (NASCIMENTO, 2006, p. 124). Dessa forma, o ideal quilombola atua como um instrumento potente para o desenvolvimento de reconhecimento da identidade afro-brasileira, para uma maior autoafirmação étnica e nacional, de seres atuantes, revolucionários, em busca de seus direitos, de cidadania.

Com referência ao uso da mística quilombola como poder mobilizador, é fundamental a atuação de Abdias Nascimento, o qual teorizou extensivamente sobre o quilombismo e seu valor ideológico. Segundo ele, todos os quilombos

[...] foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta *praxis* afro-brasileira, eu denomino de quilombismo. (NASCIMENTO, 1980, p. 255).

Nesse sentido, o quilombismo atuou como uma “ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV” (NASCIMENTO, 1980, p. 256). Compartilhando a noção do poder gerador e dinamizador do conceito, Beatriz Nascimento afirma que este “[...] passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra” (NASCIMENTO, 2006, p. 124).

Ao lembrar como, acatando as exigências do tempo histórico e circunstâncias do espaço geográfico, o quilombismo passa por constantes reatualizações, Abdias Nascimento (1980) ressalta que, apesar de situações variadas conferirem aos quilombos diferenças em suas formas organizativas, estes permanecem iguais em sua essência. No entender do teórico, “o movimento quilombista está longe de haver esgotado seu papel histórico. Está tão vivo hoje quanto no passado, pois a situação das camadas negras continua a mesma, com pequenas alterações de superfície.” (NASCIMENTO, 1980, p. 258).

É justamente esse projeto de formação de uma sociedade coletiva, fundada na justiça, igualdade, liberdade e respeito aos humanos, e desvinculada da exploração econômica e do preconceito racial, que tem mobilizado as lideranças e escritores negros, especialmente quando a situação de marginalidade social e econômica do afro-descendente é contrastada a esse ideal. Assim, compreende-se por que o quilombismo tem operado, com frequência, como ideia-força impulsionadora na literatura brasileira contemporânea, como se verá nas análises dos poemas de Eduardo de Oliveira, Henrique Cunha e Carlos Assumpção.

Inicialmente aborda-se o soneto “Zumbi de Palmares”, de Eduardo de Oliveira, publicado na primeira edição dos *Cadernos Negros*, em 1978. Esse poeta (1926-2012) foi professor, conferencista e político. Ativista atento aos direitos humanos, foi o fundador e presidente do Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB). Publicou nove livros, dentre os quais *Além do pó*, *Banço*, *Gestas líricas da negritude*, *Cancioneiro das*

horas e Evangelho da Solidão. É autor, ainda, do Hino à Negritude, composição oficializada em todo o território nacional, em 2009, pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados, na qual alguns versos relembram, também, a figura de Zumbi: “Dos Palmares os feitos heroicos/São exemplos da eterna lição/que no solo Tupo/ Nos legara Zumbi/Sonhando com a libertação/Sendo filho também da Mãe-África” (PERSONALIDADES. s. d.).

O soneto “Zumbi de Palmares” inicia evocando a figura histórica de Zumbi:

Foste um guerreiro audaz e libertário
fustigando o label da escravidão!
Sendo, a um só tempo, herói e visionário,
não pelestaste e nem morreste em vão! (OLIVEIRA,
1978, p. 17).

Já o primeiro verso ressalta a liderança de guerreiro dotado de coragem e arrojo, bem como seu papel libertário. A conjunção “e”, que liga “guerreiro audaz” à “libertário” deixa claro que, na imaginação do autor, a função guerreira tem papel eminentemente libertário. Ademais, como essa evocação é destacada na linha inicial do poema, depreende-se que o valor comemorativo do líder palmarino liga-se, acima de tudo, a sua figura como fonte de inspiração libertária, ideia que é confirmada no verso seguinte, “fustigando o label (sic!) da escravidão”. O verso inverte a imagem usual do senhor que fustiga o escravo, pois agora cabe a Zumbi fustigar a própria instituição que desumanizava os escravos. A esse respeito, é evocativo o uso do substantivo *labéu*, palavra associada à injúria, infâmia e vergonha, e, portanto, à mancha na honra de alguém. Ademais, como registra o verbete “ferrete” (2016) da Wikipédia, o ferrete, ferro em brasas usadas para marcar gado, couro ou escravos, era ferramenta aquecida até que ficasse incandescente, e prensada contra o objeto a gravar; no sentido figurativo, denota o próprio sinal de ignomínia – *labéu* – deixado pelo ferro em brasa. Como o verbete enfatiza: “No caso de escravos serviu também como *labéu* ou estigma para humilhar e fazer sofrer os recém-capturados ou comprados”.

Para além de lembrar a valentia e a liderança libertária de Zumbi, que enfrentou os escravocratas, liderando mais de vinte batalhas travadas como tentativas de destruir o Quilombo de Palmares, sempre como vencedor, os dois últimos versos do quarteto inicial remetem à imagem do herói Zumbi, mas, agora, já no desfecho de sua vida. Aqui se ressalta a equiparação, por proximidade, de herói e visionário, ou seja, um idealista, mas também um ser dotado da habilidade de enxergar mais do que o presente, antecipando mudanças no futuro e capaz, ainda, de sacrificar a vida por tal ideal. Nota-se o sentido político entranhado, ainda, na palavra “visionário”, pois Zumbi foi o idealizador e mantenedor do Quilombo dos Palmares, após a queda do qual os demais quilombos foram aos poucos perdendo sua força e sendo destituídos.

Quando o eu lírico diz: “não pelejaste e nem morreste em vão” (OLIVEIRA, 1978, p. 17) pode-se pensar que os combates quilombolas e que a morte de Zumbi de Palmares influíram também na libertação do povo negro escravizado, como se observa na segunda estrofe do soneto:

Teu vulto negro e forte foi o ideário
de toda uma sofrida geração,
que, sob a ação do teu poder lendário,
pôs-se a caminho da libertação! (OLIVEIRA, 1978, p. 17).

É bem visível, nessa estrofe, a força mobilizadora do quilombismo. Tem-se novamente a caracterização de Zumbi com seus ideais de liberdade e como um líder forte e respeitado, voltado à libertação dos escravos: “Teu vulto negro e forte foi o ideário/ de toda uma sofrida geração,” (OLIVEIRA, 1978, p. 17). Considerados como propriedade, objetos de seu senhor antes que seres humanos, os negros eram submetidos a toda sorte de sofrimentos: não bastasse a privação da liberdade, a saudade da pátria natal e dos parentes dos quais foram separados, o duro regime de trabalho, as chibatadas, eram ainda, quando doentes ou idosos, abandonados, já que era mais barato comprar um novo escravo. A liberdade a ser obtida sob a liderança de Zumbi é vista como um processo: uma geração, “sob a ação do teu poder lendário,/ pôs-se a caminho da libertação” (OLIVEIRA, 1978, p. 17).

Nas duas últimas estrofes, as referências à Zumbi como guerreiro combatente e líder são de molde a exaltar sua força de forma contrastiva:

Oh! caçador de algozes! Como os Andes,
tu enfrentastes Himalaias de tiranos,
antes que à História fosses entre os grandes!

Hoje segues à frente do meu povo,
colhendo triunfos, através dos anos,
ante os clarões do sol de um mundo novo! (OLIVEIRA, 1978, p. 17).

Note-se a figura usada para ressaltar a bravura do guerreiro: tanto Zumbi quanto os senhores escravocratas são comparados a montanhas, imagem que muitas vezes é usada, na literatura, para evocar fortaleza ou lugar seguro. De fato, tanto a liderança de Zumbi para os negros, quanto as lideranças senhoriais eram, nesse período marcado por confrontos de parte a parte, referências para seus liderados. O efeito maior da imagem, porém, é a proporção sugerida pelas montanhas, ambas grandiosas: a primeira, Cordilheira dos Andes, é a maior cadeia montanhosa do mundo em comprimento; a segunda, Himalaia, em altura (CORDILHEIRA, 2016). Dessa forma, a bravura de Zumbi sai exaltada, dado que se antepõe a adversários mais poderosos que ele, atuando como “caçador de algozes” e “tiranos”. Mais uma vez, a inversão de poder percebida na primeira estrofe se repete: agora é Zumbi que se torna o executor de penas contra aqueles que se aproveitavam dos negros de modo injusto e cruel.

A sugestão mais forte do alcance da “ideia-força” quilombola é adiada até o último terceto, quando é registrada a permanência da liderança de Zumbi através dos anos: não mais sua presença física, mas seu ideário e exemplo são equiparados a “clarões do sol de um mundo novo”, rompendo as trevas da desigualdade e da escravidão de toda sorte, e liderando os afrodescendentes a uma nova realidade em que, afinal, pudessem usufruir direitos garantidos por lei, conquistar seu espaço na sociedade, colher os triunfos que começaram a ser plantados com a ousadia e audácia de um sonhador chamado Zumbi dos Palmares.

O próximo poema, “Quilombo”, foi escrito por Henrique Cunha Jr. (1952), ou apenas Cunha, como é conhecido. Filho do líder da causa negra Henrique Antunes Cunha, foi criado na militância dos movimentos negros; dirigiu grupos amadores de teatro na década de 1970, tendo sido, também, membro do Grupo Congada, de São Carlos, SP. Participou da fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, da qual foi o primeiro presidente. Livre-docente pela Universidade de São Paulo e Professor Titular da Universidade Federal do Ceará, Cunha publicou poemas, um volume de escritos políticos e dois livros de contos, além da peça de teatro *Negros que riem*, encenada em São Paulo nos anos 1980. O poema “Quilombo” representa ainda outra forma da militância de Cunha que, entre 1978 e 1981, participou dos primeiros números da série *Cadernos negros*. (HENRIQUE, s. d.).

Em contraste com o poema anterior, que aborda o fenômeno quilombola a partir de uma perspectiva cronológica, detendo-se inicialmente no quilombo histórico e expondo, após, o alcance do ideal de Zumbi, o poema de Cunha fala de outros guerreiros, as minorias negras, silenciosas e marginalizadas, que povoam nossas cidades:

Os homens ainda caminham pela noite
À luz da Lua não portam mais lanças
Nem mais as direções têm fuga para o mato
A mãe noite ainda embala o caminho quilombola (CUNHA, 1980, p. 46).

A primeira estrofe volta-se ao quilombo. Faz referência à lua e à noite, pois era nesse período que ocorria a fuga dos escravos para os quilombos. O eu lírico registra diferenças, porém: os homens não mais portam armas, nem têm nas matas uma rota para a liberdade. Contudo, resta ainda um caminho, e mesmo esses caminhantes desprotegidos e sem rumo ainda estão à busca de melhores dias: “A mãe noite ainda embala o caminho quilombola” (CUNHA, 1980, p. 46).

São negras figuras à luz da lua
Por entre sombras de edifícios
Atrás dos telhados das favelas
Nos cômodos escuros das penitenciárias (CUNHA, 1980, p. 46).

A segunda estrofe traz à tona o problema social enfrentado pelos negros desde a sua abolição, os quais se viram desamparados, uma vez que foram expulsos das senzalas e não tinham para onde ir. Em um momento inicial, continuaram a trabalhar para seus senhores sem nada receber em troca, a não ser alimento e abrigo. Depois, a marginalidade continuou – e continua ainda: é entre sombras que se movem esses homens e seu abrigo são as favelas. É como se ainda estivessem presos por grilhões invisíveis, aprisionamento social que se materializa quando recolhidos em penitenciárias.

Percebe-se, na terceira estrofe, uma crítica aos movimentos que não se desenvolvem em comum e em união, mas “desencontrados e dispersos” (CUNHA, 1980, p. 46). O eu lírico compara ideias às lanças usadas pelos quilombolas nas batalhas, porém as primeiras são mais eficazes no combate a essa nova servidão do que as segundas: “Ideias mais agudas que as lanças” (CUNHA, 1980, p. 46), estas, sim, capazes de unificar, mais uma vez, esses novos quilombolas, já que “todas estradas têm um só destino”:

São conspirações silenciosas
Ideias mais agudas que as lanças
Movimentos descontraídos e dispersos
Mas todas estradas tem um só destino (CUNHA, 1980, p. 46).

A estrofe final não só aclara o destino final, o quilombismo, como aponta seu caminho. Agora já não são as matas, ou as comunidades cooperativas que lá se formavam que irão provocar uma ebulição transformadora no afrodescendente, mas antes a força das ideias, presentes nos livros, e daquelas advindas da própria vivência da população marginalizada e sofrida:

O quilombo está aí
Nas páginas dos livros
Nas esquinas, nos campos
Nos pensamentos e sofrimentos
O quilombo está aí em pé de guerra (CUNHA, 1980, p. 46).

A afirmação de que o quilombo está em todos os lugares reflete a noção de que se configura em mais do que o mero espaço físico, esconderijo de escravos fugitivos, mas também como ideologia, ideal de liberdade, fraternidade, humanidade, liberdade, como definiu Abdias Nascimento (1980). Ademais, o último verso, “O quilombo está aí em pé de guerra” (CUNHA, 1980, p. 46), assegura que ainda há batalhas para enfrentar e vencer, e que o ideal quilombola continua vivo na memória dos negros, dando-lhes força para continuar a luta.

O terceiro e último poema a ser analisado, “Minha Luta”, reforça a ideia da continuidade do quilombismo, sob a perspectiva de um eu coletivo, um eu lírico que não só fala em nome de sua coletividade, mas se junta a ela em suas lutas. É de autoria de Carlos Assumpção (1927), considerado pelo professor e crítico Eduardo de Assis Duarte como um dos “[...] decanos da poesia de protesto do século XX” (DUARTE, 2011, p. 551). Assumpção iniciou sua colaboração na revista literária *Veredas*, no suplemento cultural “Arte Agora” e no “D. O. Cultura”, do *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. Publicou nas antologias *O negro escrito* (1987), *Quilombo de palavras* (1992; 2000), bem como em volumes de *Cadernos negros*. É autor dos volumes *Protesto* (1982) e *Quilombo* (2000) (DUARTE, 2011).

Composto por três estrofes, o poema inicia com a proclamação de uma luta, inicialmente identificada como pessoal, mas imediatamente identificada como estando enraizada na luta dos ancestrais. Uma vez clara essa vinculação, a proclamação deixa clara o caráter essencialmente comunitário da luta: “não é só minha/é luta de todos”:

Saibam que minha luta
Está enraizada nas lutas de meus avós
E também saibam que minha luta
Não é só minha
É luta de todos nós (ASSUMPÇÃO, 1980, p. 18).

Nesses versos, a presença da ancestralidade é marcante, e indica de onde vem a força para lutar pela liberdade, justiça e contra discriminação: “Saibam que minha luta/Está enraizada nas lutas de meus avós” (ASSUMPÇÃO, 1980, p. 18). A luta é generaliza para os negros, que a ela devem aderir, pois o passado foi muito cruel para todos. Por

isso “É luta de todos nós” (ASSUMPTÃO, 1980, p. 18), uma forma de resiliência e oposição à submissão, não mais agora em um período escravocrata de fato, mas em resposta a outras formas sob as quais a escravidão persiste.

Ontem, lutaram comigo nos quilombos
 Índios e brancos pobres irmãos explorados também
 Meu quilombo de hoje
 Não é diferente dos quilombos do passado
 Nas lutas contra a injustiça
 Nas lutas contra a discriminação
 Ninguém pode ser
 Injustiçado
 Discriminado (ASSUMPTÃO, 1980, p. 18)

Retomando o contexto do quilombismo histórico, em que brancos e índios pobres se juntavam aos negros nos quilombos, os versos proclamam a extensão da luta, que não deve se limitar à população afrodescendente, mas, como já defendia Abdias Nascimento (1980; 2009), deve estender-se a todos aqueles que são marginalizados e que necessitam, portanto, lutar pelos ideais de igualdade e liberdade tanto quanto seus irmãos negros. Antecipando-se àqueles que poderiam supor que esse novo quilombismo difere daquele que nos chegou da história, o eu lírico enfatiza outra das ideias-chave defendidas por Abdias Nascimento, já apresentada neste trabalho: a noção do quilombismo como uma única afirmação humana, étnica e cultural, que operou e opera sempre como prática libertadora, tática daqueles que desejam assumir o comando da própria história. Por isso chama a atenção para o objetivo das lutas: contra a injustiça, contra a discriminação, sempre. E para que isso fique particularmente claro, reafirma o direito de todos à justiça e à igualdade, enfatizando que, desses direitos, ninguém deve ser alijado: “Ninguém pode ser /Injustiçado/Discriminado”.

A terceira e última estrofe do poema de Carlos Assumpção retoma o ideal de liberdade e fraternidade promovido pelo quilombismo:

Quem ame realmente a liberdade
 Quem realmente seja irmão
 Quem tenha realmente amor no peito
 Dê-me a mão

Junte-se à minha voz
Que meu quilombo de hoje, amigos
É igual aos quilombos do passado
É quilombo de todos os oprimidos
É quilombo de todos os explorados
É quilombo aonde todos são bem-vindos
É quilombo de todos nós. (ASSUMPCÃO, 1984, p. 18).

O chamamento: “Quem ame realmente a liberdade/Quem realmente seja irmão/Quem tenha realmente amor no peito/Dê-me a mão/Junte-se à minha voz” (ASSUMPCÃO, 1980, p. 18) remete aos ideais de liberdade e fraternidade: daí o convite a ser irmão, amigo, dar a mão, juntar a voz em luta. Note-se, ainda, a ênfase na continuidade do ideal quilombola expressa através da reiteração da palavra quilombo: o que inicia como “meu quilombo de hoje” é reafirmado, em espírito fraternal aos “amigos” de outras etnias e posicionalidade que se quiserem juntar ao eu lírico, ser o mesmo quilombo de ontem e de sempre. Então, cada repetição expõe uma faceta do quilombo, a soma das quais proporciona a visão da opressão geral e contínua, que se estende do passado ao presente, unindo todos aqueles que sofrem males sociais.

Conforme reflexão publicada no v. 3 dos *Cadernos negros*, a rememoração dos laços identitários com a África e do compromisso quilombola tem para ele, como também o tinha para Abdias Nascimento, papel inspirador e mobilizador:

A volta à África e ao quilombo são entendidas por mim como estado de reflexão que impulsiona as novas realizações. É o caminho histórico de reconhecimento de si, na reconstrução da história em oposição à história do branco opressor. Portanto África, quilombo, escravidão, nos meus escritos são uma fase e um meio de nos explicar e nos entendermos e tomarmos consciência de nossa vida. Estes elementos oferecem energia revolucionária e contém as formas comunitárias úteis para nossa consciência. Estamos no Brasil e no século XX, portanto é aqui e agora que se deve realizar aquilo que temos de África, quilombo e escravos. (CUNHA JR., 1980, p. 42).

Outra não parece ser a motivação dos demais autores cujos poemas foram analisados neste trabalho, nos quais é evidente a motivação do ideal quilombola. Zumbi e

Palmares recorrem em seus poemas, já agora não no seu sentido físico, material, mas em seu simbolismo como exemplo a ser perseguido na consecução dos mesmos ideais de liberdade e dignidade que mobilizavam o herói palmarino. Mais que o vulto histórico, persiste Zumbi como símbolo de luta, o qual está tão vivo quando viva está, ainda, a desigualdade social e econômica que, historicamente, tem sido o quinhão de muitos afrodescendentes.

ANOTHER ZUMBI DE PAMARES: THE SYMBOLIC VALUE OF MAROONAGE IN AFRO-BRAZILIAN CONTEMPORARY POETRY

ABSTRACT: This paper examines how the figures of Zumbi and of the Palmares Quilombo appear, in their denotative and connotative meanings, in contemporary Afro-Brazilian poems, associated with the claim of freedom, equality and dignity for all minorities. The essay summarizes the evolution of the concept of *quilombo* (maroon state) in Brazil and how it came to acquire symbolic value, according to the notion of *quilombismo* (maroonage) as an "ideia-força" (a propelling powerful idea), proposed by Abdias Nascimento. Besides, the study exposes how *quilombismo* has different meanings according to the location occupied by the one who employs it, so that a marked conceptual difference is present in its use from the perspective of the white colonizer and from the black population. In the wake of these reflections, the essay takes *quilombismo* in its mobilizing ideological value, and proceeds to analyze poems written by Henrique Cunha, Carlos Assumpção and Eduardo de Oliveira. Theoretical support to this research is provided by historians and theorists who have extensively researched maroonage in Brasil, such as Abdias Nascimento and Beatriz Nascimento.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; Palmares maroon; Poem; Maroonage; Zumbi.

Referências

- ASSUMPTÃO, Carlos. Minha luta. In: *Cadernos Negros 7: poemas*. São Paulo: Edição dos Autores, 1984.
- CORDILHEIRA dos Andes. *Wikipédia*. 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/cordilheira_dos_andes>. Acesso em: 21 abr. 2016.
- CUNHA, Henrique. Quilombo. In: *Cadernos Negros 3: poesia*. São Paulo: Edição dos Autores, 1980.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Carlos de Assumpção. In: _____. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2011. V. 1: Precursores.

FERRETE. *Wikipédia*. 2016. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferrete>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

GOMES, Flávio. *Mocambos em quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=o-E1CwAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 16 mar. 2016.

HENRIQUE Cunha Jr. Dados biográficos. *Literafro*. Disponível em: <<http://150.164.100.248/Literafro>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197- 218. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, vol. 4).

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa oficial, 2006. p. 117-125.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Textos e narração de Ori. Transcrição (mimeo). s.l.: s.n, 1989. In: RATTS, Alex (Org.). *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo de. Zumbi dos Palmares. In: *Cadernos Negros 1*. São Paulo: JORNEGRO, 1978.

PERSONALIDADES: Eduardo de Oliveira. Ipeafro – Insituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro. s.d. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/personalidades/eduardo-de-oliveira>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Insitituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.

Recebido em 28/04/2016.
Aprovado em 17/05/2016.